**A representação indígena feminina em toadas de boi bumbá e o romantismo indigenista de José de Alencar**[[1]](#footnote-1)

Adriano Pinto Marinho[[2]](#footnote-2)

Allan Soljenitsin Barreto Rodrigues [[3]](#footnote-3)

# Resumo

Este artigo apresenta os resultados da análise da pesquisa sobre as idealizações indígena femeninas em toadas de Boi-Bumbá no município de Parintins AM, através das letras das toadas. Em primeiro momento fez-se um breve levantamento sobre as idealizações geradas pelo Romantismo Brasileiro, especificamente por José de Alencar; em segundo momento analisou-se a idealizações do indígena nas letras das toadas de Boi-Bumbá, através da leitura crítica. Desta forma, a pesquisa é fundamentada pela metodologia qualitativa com base em um levantamento bibliográfico. Ademais, a análise alinha-se com a representação dos indígenas nas toadas de Boi-Bumbá e tem por finalidade perceber as idealizações pelas quais os indígenas vem passando ao longo do tempo. Tem-se como principais autores, Bosi (1992), Candido (2000), Nogueira (2014), Maia (2013), Bosi (1992), Farias (2005), entre outros de grande influência no meio cientifico.

**Palavras-chave:** Alencar, Boi-bumbá, Indígenas, toadas, Romantismo.

**Introdução**

 As toadas cantadas no Festival Folclórico de Parintins, naturalmente, despertam um interesse peculiar, notoriamente, por se tratar de alguns dos mais interessantes elementos da festa, sobre os quais podemos avaliar o desencadeamento das relações entre idealizações e leitura crítica.

 Diante deste contexto, desenvolvemos um trabalho direcionado para as idealizações presentes em toadas de Boi-Bumbá, na perspectiva de Bosi (1992), Candido (2001) e Farias (2005), Nogueira (2014). Partindo do princípio da forma como as toadas descrevem o indígena, visto que, essas composições no contexto literário parintinense possuem a capacidade de sintetizar representações simbólicas dos mais variados devaneios e são elementos importantes para compreender o universo indígena.

 No intuito de elucidarmos as inúmeras questões que envolvem o indígena, analisamos as idealizações presente no Romantismo brasileiro, especificamente no Indigenismo de Alencar (1976). Partindo do pressuposto teórico que apontam para uma figuração idealizada do indígena, considerando como marco o pensamento Estético do Romantismo brasileiro, analisamos nas toadas de boi-bumbá, que as idealizações ainda são muito frequentes, visto que causam distorções na visão dos compositores e consequentemente dos leitores.

 Sendo assim, para efetivarmos nosso objetivo, resolvemos selecionar duas toadas, na qual acreditamos fornecer elementos significativos concernentes às relações que envolvem os sujeitos. As toadas foram escolhidas pela variedade de temas e personagens relacionados ao universo indígena. Elegemos, especificamente, Cunhã, a criatura de tupã do compositor Ronaldo Barbosa, Caprichoso, 2001. Rainha Morena de Geandro Pantoja e Demetrios Haidos, Garantido, 1999. Optamos pelas respectivas toadas, em virtude da capacidade que elas possuem no que diz respeito às características marcantes da Estética Romântica brasileira, bem como, a algumas personagens que nos remete as mais profundas reflexões, acerca do universo indígena.

**A representação do indígena na literatura brasileira**

Na literatura, a figura do indígena assume novas formas de acordo com o contexto histórico. No romantismo brasileiro houve a busca por uma identidade nacional, a Estética Romântica encontrou no mito do “bom selvagem” uma maneira de enaltecer a cultura Brasileira para isso foi necessário idealizar a figura do indígena que passou a ser visto como um herói. Gonçalves Dias e José de Alencar são os mais conhecidos dentre os autores românticos que trabalharam a temática indígena em suas obras. Em suas poesias indianistas Gonçalves Dias representa o indígena a partir de uma visão homogênea, em que atribui um valor igualitário sem diversidade cultural. Sobre Gonçalves Dias, Cândido discute que,

Como poeta o quiça por atavismo neoclássico, ele procura nos comunicar uma visão geral do índio, por meio de cenas ou efeito ligado a vida de um índio qualquer, cuja identidade é puramente convencional e apenas funciona como padrão. (CANDIDO, 2000, p. 72)

Podemos analisar em suas poesias indianistas que Gonçalves Dias retrata o indígena do ponto de vista geral e apresenta-nos uma rápida visão dos nativos, sobre seus costumes e valores. As obras mais conhecidas que se podemos destacar tais características são: I-*Juca Piram*a (1851) e os Timbiras (1857), poemas ricos em símbolos no que diz respeito ao grito de liberdade dos indígenas.

Outro escritor de grande relevância da Estética Romântica brasileira é José de Alencar. Em geral, quando se comenta a literatura de Alencar esta é marcada por seu traço indianista. Clássicos como *O Guarani, Iracema* e *Ubirajara* são divulgados pela crítica literária tradicional no Brasil como a trilogia indianista que deu fama ao escritor cearense. Pouco se questiona o fato desta literatura ter sido produzida por um homem da sociedade fluminense, totalmente estudado e conhecedor da cultura ocidental. Discute-se apenas certo artificialismo que há nas descrições que Alencar fez dos índios, e também a excessiva idealização de personagens como Peri, Iracema e Ubirajara.

Alencar mostra a figura do indígena de forma idealizada nas obras O *Guarani e Iracema*, em que mostra o indígena manso, submisso e carismático, essas qualidades dos indígenas a qual o autor descreve são inspiradas no mito do “bom selvagem” de Jean- Jacques Rosseau. Diante desse contexto, analisa-se o trecho do romance Iracema,

Além muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talho de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. (ALENCAR, 1976, p.14)

 Podemos analisar que há uma beleza exótica construída pelo narrador do romance para descrever a indígena Iracema, predomina-se uma visão idealizada da mulher, sempre associada com a natureza. Ela é descrita em constante comparação com a beleza exuberante das florestas brasileiras, assim, podemos analisar que a personagem é uma “donzela guerreira”, que, ao mesmo tempo expressa ternura e dedicação extrema ao amado em todo decorrer do romance.

As idealizações descritas em Iracema, também se faz presente em *O Guarani* (1857), em que Peri, personagem central é visto fisicamente como um ser selvagem, mas que a construção enquanto figura indígena é puramente europeia e assim se torna um ser submisso. No decorrer do romance, podemos analisar que o indígena de Alencar entra em íntima comunhão com o colonizador. Diante desse contexto, Bosi discorre que,

O que importa é ver como a figura do índio belo, forte e livre se modelou em um regime de combinação com a franca apologia do colonizador. Essa conciliação, dada como espontânea por Alencar viola abertamente a história da ocupação portuguesa no primeiro século (é só ler a crônica da maioria das capitanias para saber o que aconteceu), toca o inverossímil no caso de Peri, enfim é pesadamente ideológica como interpretação do processo colonial. (1992, p.179).

Através da figura de Peri, Alencar deixa transparecer que durante o processo de colonização não houve resistência alguma por parte dos nativos, nem choques entre as duas culturas, visto que mostra um indígena forte, porém manso e subordinado a todos, apto para aceitar tudo. Podemos perceber que, embora a figura do indígena tenha sido valorizada na Estética Romântica, o que se pode afirmar é que o indígena continua com sua identidade utópica e vazia, sendo cada vez mais desconstruída.

Bosi (1992, p. 180) pondera que, “assim, o mito Alencariano reúne, sob a imagem do herói, *o colonizador,* tido como generoso feudatário e *o colonizado*, visto ao mesmo tempo, como súdito fiel e bom selvagem”. O autor discorre que, Alencar na tentativa de valorizar a figura indígena acaba de certa forma idealizando a imagem do nativo, visto que, o valor que deveria ser atribuído ao nativo, se ver no colonizador.

Podemos perceber que o indígena representado em *O guarani e Iracema* são seres com um tom de submissão, passivo a qualquer ideologia vigente. Análoga a essa questão Bosi (1992, p.178) discorre que “nas histórias de Peri e Iracema a entrega do índio é incondicional, faz-se de corpo e alma, implicando sacrifício e abandono da sua pertença tribo de origem”. Alencar mostra a figura do indígena na ideia do “bom selvagem”, visto que o sofrimento e a morte são aceito sem nenhuma reclamação como se a atitude de obediência ao branco fosse o cumprimento de seu destino.

Diante desse contexto, podemos analisar que a figura do indígena é desconstruída na Estética Romântica brasileira, que lhe atribui um valor cultural distorcido, mais voltado para um ser manso e submisso. Passada a Estética Romântica, a figura do indígena ganha força novamente, dessa vez no modernismo, na obra *Macunaíma (1928)* de Mario de Andrade, que mostrou em seu personagem principal Macunaíma *um herói sem nenhum caráter* que fez o caminho inverso dos cronistas, uma vez que Macunaíma sai de seu território do meio da floresta rumo à civilização.

No decorrer da obra o indígena Macunaíma tem dificuldade em definir sua identidade, uma vez que ao sair de seu lugar de origem e ir para São Paulo perde a essência da vida, ou seja, seus costumes e crenças e descobre outras culturas que envolve-o de tal forma que não consegue mais ser o mesmo. Maia discorre que,

A viagem de volta percorre o mesmo roteiro da viagem da ida, entretanto tudo está diferente, tudo está mudado. Na verdade, o que realmente muda é o olhar do herói, é a consciência de que aquele lugar não mais o seu. (MAIA, 2013, p. 93)

Ao fazer a trajetória de volta para sua terra Macunaíma percebe que não é mais o mesmo e que tudo está mudado, o indígena se mostra inquieto com a situação e se torna um ser melancólico, por ter sido modificado no decorrer de sua trajetória por várias culturas. O que se pode observar nessa obra é que Mario de Andrade buscou apresentar o povo brasileiro através da mistura de raças (negro, branco e índio), com certo tom de estranheza, visto que houve por parte de Macunaíma uma adaptação a outros tipos de cultura.

 Maia (2013, p. 94) discute que, “a viagem final de Macunaíma é alegórica, mas conclusiva. É a resolução do impasse criado pelo encontro entre a selva e a cidade, entre o primitivo e a modernidade, entre o índio e o branco”. Pode-se analisar que a figura do indígena no modernismo já não é mais de um herói idealizado, mas sim de um herói sem caráter, baseado na heterogeneidade.

Ao contrário da ideia de Alencar em *Iracema* e o *Guarani*, Mario de Andrade mostra uma identidade nacional baseada na multiplicidade de raízes que compõe a nacionalidade brasileira, desconstruindo assim o mito do “bom selvagem” tão frequente no romantismo.

 Diante dessa perspectiva, tentaremos reunir essas observações gerais partindo do ponto de vista da representação do indígena nas toadas. Veremos que as toadas de Boi-Bumbá com seus signos, símbolos, nos possibilitam reflexões diversas, que não podem ser corretamente analisadas se não pela leitura crítica.

 Mostraremos que se pode fazer uma analise aprofundada dos discursos sobre os indígenas presentes em toadas. Para essa demonstração iremos trabalhar mais de perto as idealizações advindas do Romantismo Brasileiro, através da leitura crítica das letras das toada.

 Partindo do pressuposto teórico que apontam para uma figuração idealizada do indígena, considerando como marco o pensamento Estético do Romantismo brasileiro, buscamos analisar, as apropriações e idealizações frequentes nas toadas de Boi-Bumbá que retratam a cultura indígena.

**Leitura crítica e indigenista de José de Alencar em toadas de Boi-Bumbá**

No Brasil, pouco se discute sobre a representação do indígena no contexto histórico e literário. Nas manifestações culturais a história que impera ainda hoje é a do “descobrimento do Brasil”, em que a representação do indígena e a identidade cultural ficam reduzidas aos vocabulários, comidas e moradias. Menospreza-se assim, as crenças os valores, a organização social, e assim, empobrece a representação do indígena no cenário nacional.

 As toadas de boi-bumbá são ouvidas e cantadas pela maioria dos parintinense que de certa forma, as veem como elemento de construção da identidade cultural do parintinense e, na maioria das vezes se identificam com a figura do indígena ali presente.

 Fazer a análise da figuração do indígena através da leitura crítica das letras das toadas é de suma importância, uma vez que a leitura crítica é condição para uma educação libertadora, é condição para verdadeira ação cultural que deve ser analisado por todos os cidadãos.

 Silva (1988, p. 20) discorre que “a leitura crítica é um dos processos que possibilita a participação do homem na sociedade, em termos de compreensão do presente e passado capaz de fazer uma transformação sociocultural futura”. Essa leitura é capaz de fazer com que os homens e mulheres reflitam mais sobre as ideologias, é o tipo de leitura que está longe de ser mecânica, visto que, leva o leitor à constatação, à reflexão e à transformação de sua realidade.

As toadas cantadas no festival folclórico de Parintins/AM trazem consigo uma enorme carga de conhecimentos culturais e isso é visível quando se trata da figura indígena, uma vez que, há toadas específicas para representação dos rituais indígenas, pajés e lendas amazônicas.

Nogueira (2014: p. 138), discute que há “temas abrangentes da realidade e do imaginário amazônico que foram introduzidos no “brincar” boi, o surgimento das personagens como pajé, Cunhã-Poranga, entes mitológicos e rituais étnicos”. Desta maneira, pode-se verificar através da leitura crítica das letras das toadas que à figura do indígena se tornou um elemento fundamental para o espetáculo.

O objeto de estudo desta pesquisa centra-se nas toadas que tematizam os indígenas, que trazem de alguma maneira um indígena idealizado. Neste ponto destacam-se as duas toadas escolhidas para análise, em que se fez a leitura crítica das mesmas. São elas: 01-cunhã, a criatura de tupã do compositor Ronaldo Barbosa, da Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso, 2001. 02- Rainha Morena de Geandro Pantoja e Demetrios Haidos, da Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido, 1999. Nas toadas 01 e 02 há características marcantes da Estética Romântica, no que diz respeito à figura indígena feminina, cunhã-Poranga.

Cheirosa flor do mato
Que Tupã benzeu
Te criou com sutileza
Aprimorou teus traços
De índia guerreira
Reuniu em ti toda a imortal beleza

Na toada 01 destacam-se alguns termos como, *cheirosa,* *sutileza,* *índia guerreira imortal beleza, selvagem cunhã*, características marcante da Cunhã-Poranga, elemento difundido durante a apresentação dos Bois-Bumbás.

Nesse primeiro trecho da toada observa-se termos que mostram a beleza indígena de forma romantizada, na maioria das vezes teve uma conotação pejorativa, (cheirosa, sutileza, imortal beleza) isso gera várias significações acerca da cunhã-Poranga em uma comunidade Indígena, uma vez que essas características de exaltação, releva-se em termos superficiais, mais voltados para os padrões da Estética Romântica brasileira.

Observa-se também neste trecho uma semelhança com a índia Iracema personagem de José de Alencar, o compositor ao mencionar que a Cunhã-Poranga é “cheirosa flor mato” mostra em sua toada caraterísticas da Estética Romântica, visto que em uma parte do romance de *Iracema* o narrador diz que “o favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”. (ALENCAR, 1976, p.14)

Podemos analisar que assim como o narrador de Alencar descreve a personagem indígena Iracema através de elementos comparativos da natureza, como o favo da jati, baunilha, assim também os compositores contemporâneos de toadas de Boi-Bumbá descrevem a Cunhã-Poranga também através de elementos da natureza. Vale ressaltar que a Cunhã-Poranga e Iracema são duas figuras indígenas femininas que são de grande importância para o contexto cultural.

 A atitude de Alencar é política, engajada num ideal maior de construção de uma identidade americana. Este olhar o mundo dos índios permite ao escritor resgatar a gênese do povo americano em seu processo de formação, porém não resgata verdadeiramente as vozes dos índios, estes são evocados como um passado glorioso, mas não são discutidos como membros reais da sociedade americana, são entidades de um mundo mítico, distanciado no tempo épico das grandes narrativas de origem de um povo.

 Deste modo, pode-se perceber que em pleno século XXI a Estética Romântica continua tendo grande influência na visão dos compositores das toadas. Este artificialismo do romantismo denuncia, na verdade, uma literatura que se apropriou do mundo indígena para forjar a origem de um povo.

O arco, para ser guerreira
 (índia guerreira)
A flecha, pra dançar aos ventos
As penas, pra adornar o corpo nu
Da semente da samaumeira
Toda a leveza
Nativa beleza
Selvagem cunhã
Vem dançar
Á á á á ...

No segundo trecho a letra da toada apresenta adjetivos relevantes quanto personagem cunhã-poranga (guerreira, leveza, nativa beleza). Pode-se também analisar o paradoxo na letra da toada, visto que, apesar de ser uma guerreira selvagem com arco e flecha na mão, a mesma possui leveza, nativa beleza, características marcantes da Estética Romântica.

 Assim, ao analisar a letra da toada através da leitura crítica podemos perceber que o leitor do século XXI se identifica mais facilmente com a figura de uma indígena dócil, que desperta a livre e espontânea vontade dos desejos. Podemos pensar em uma mulher delicada, quase angelical, assim como em Iracema, que apresentava uma indígena totalmente idealizada, para que pudesse se inserida na sociedade.

 Este artificialismo todo decorre de uma visão externa do indígena, de uma tentativa de desvendar o mundo indígena por meio de um sistema de signos lingüísticos não pertencentes a ele, mas ao escritor que toma para si o papel de tradutor deste mundo oralizado, trazendo sobre si a função de grafar a linguagem do indígena e contar com voz externa e não com a do autóctone as história deste.

 A palavra “selvagem” traz uma carga semântica de grande importância para a representação do indígena. Este termo diz respeito ao indígena que vive na selva, no meio da floresta, próprio da natureza. Desta maneira pode-se perceber que a toada mostra o indígena em seu estado natural e assim atribui um valor cultural importante ao nativo.

Em relação à toada 02 analisamos o seguinte trecho:

A galera vai delirar

A galera vai balançar

Quando a linda rainha morena

Do boi Garantido chegar pra dançar

Vem, morena realçar na arena pro meu povo ver

Traz magia e seduz meu boi pra dançar com você

 Ao fazer a leitura critica da letra da toada, no que diz respeito, aos adjetivos, “Linda, rainha morena”, podemos analisar que, há uma exaltação da figura indígena feminina, cunhã-Poranga. Isso gera varias significações se pensado pelo lado indigenista de Alencar, visto que, revela o processo de apropriação da voz do indígena por escritores formados dentro de uma cultura europeia, que tomam para si a tarefa de contar o mundo indígena de forma idealizado, é o que se pode analisar também no trecho da toada acima analisada.

.

Lá vem ela bailando, sorrindo, encantando
Com vermelho e branco a lhe adornar
Olhos cor de mel, pele cor de jambo
Um brilho infinito reluz lá no céu.

Lá vem ela bailando sorrindo encantando

E trás na cabeça um belo cocar

A cunhã- Poranga inspira poesia

E o povo na ilha vem lhe exaltar.

Nesse trecho da toada destaca-se a frase, “Olhos cor de mel, pele cor de jambo”, que o compositor usa para caracterizar a figura da indígena (Cunhã-Poranga). Podemos notar novamente nesses versos a semelhança com a indígena *Iracema* de Alencar, que “era virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o talho de palmeira”. (ALENCAR, 1976, p.14).

É possível analisar que, assim como o narrador de *Iracema* descreve a indígena com uma beleza exótica, com certo tom de exaltação o que está longe de representar a figura indígena brasileira, assim também o compositor da toada ao dizer que a Cunhã- Poranga tem olhos cor de mel, pele cor de jambo também descreve-a com uma beleza exótica, a ponto de ser exaltada por todos que a rodeiam.

Na primeira e segunda toada observam-se características marcantes da estética romântica na figura da Cunhã-Poranga, que vai desde a leveza, beleza, cheirosa, mansa, até selvagem. Desta maneira, podemos perceber que há uma valorização limitada dos indígenas nas toadas e que o nativo continua com sua identidade utópica e vazia, sendo cada vez mais desconstruída e esta concepção só pode ser notada através da leitura crítica.

 Podemos notar que o indigenismo alencariano é de uma apropriação da cultura dos indígenas para contar as origens do povo americano. Para que o indígena coubesse em seus romances, operou um trabalho de reinterpretação da figura do indígena que havia encontrado nos cronistas e viajantes que passaram pelo país. Coube ao romancista, como ele mesmo afirma, tirar o traço grotesco e de pouco civilizado do indígena que havia nos registros históricos para transformá-lo em herói da nação.

 O indígena idealizado, descritos em algumas toadas também ocupa o lugar de protagonista da história, assim como em Alencar, possui, a possibilidade de criar um herói (heroína). Na ausência de uma literatura indianista, ou seja, contada pelos próprios indígenas, o romancista, assim como os compositores, por meio da narrativa indigenista interpreta e constrói a imagem dos nativos de acordo com seus conceitos e visão de mundo.

Farias (2005, p. 105) pondera que, “nas toadas algumas vezes o índio é visto de forma idealizada, numa linguagem simbólica, aos moldes do Romantismo literário, como um herói nacional e símbolo de nacionalidade”. É o que de fato acontece com algumas toadas que tem como temática a figura do indígena que de certa forma o representam de maneira romântica como nas toadas acima analisadas.

 Partindo do pressuposto teórico que apontam para uma figuração idealizada do indígena, considerando como marco o pensamento estético do romantismo brasileiro, podeemos analisar nas toadas de boi-bumbá, mesmo que seja superficialmente, que as idealizações ainda são muito frequentes, visto que causam distorções na visão dos compositores e consequentemente dos leitores.

É diante desse contexto, que esta pesquisa propôs uma analise critica das letras das toadas, haja vista que, as representações construídas do indígena são ainda distorcidas e comprometedoras, visto que se criou uma substituição do real pelo imaginário, visto que, na cultura parintinense o indígena adquire valor somente em momentos folclóricos.

**Considerações**

A figura do indígena foi e continua sendo tema em inúmeras obras e é abordada em diversas formas tanto na arte quanto na literatura. Na literatura de informação, o indígena aparece como um ser primitivo, rude, desprovido de cultura, apto para receber qualquer tipo de imposição cultural. Assim, as primeiras representações dos indígenas são feita de forma negativa, uma visão distorcida no que diz respeito à cultura dos nativos.

Na literatura brasileira, especificamente no Romantismo, o indígena merece ser analisado com cuidado, uma vez que as representações dos nativos foram feitas de acordo com o olhar europeu. Desta maneira, pôde-se constatar que a figura do indígena é difundida de um ser belo, com qualidades como, lealdade, coragem e abnegação. A beleza descrita na Estética Romântica é sob parâmetros europeus, uma vez que os indígenas são seres pacíficos dispostos a prestarem serviços ao colonizador.

Assim, o indígena é mostrado na literatura de forma poetizada, com atitudes inverossímeis e quase sempre idealizado. As qualidades dos indígenas na Estética Romântica surgiram em função de interesses particulares, para mostrar uma imagem positiva do indígena, que de certa forma passou a ser visto como um herói nacional.

As narrativas indígenas no espaço literário brasileiro são marcadas por aspectos negativos e sua divulgação no decorrer da história se tornou um processo de exclusão de que sofrem as populações indígenas. Tendo em vista que no processo histórico o indígena foi silenciado pela cultura dominante e que na literatura essa visão é bastante difundida, analisou-se de que forma o indígena é representado nas toadas de Boi-Bumbá apresentado no Festival Folclórico de Parintins.

Constatou-se que em pleno século XXI em algumas toadas de Boi-Bumbá apresentada no Festival Folclórico de Parintins alguns compositores continuam sendo influenciados pela Estética Romântica, e que o indígena continua com sua identidade utópica e vazia, cada vez mais desconstruída. E essa visão é repassada para todos que ouvem as toadas e as veem como detentora da verdade.

 Percebemos que a representação dos indígenas descritas nas toadas trazem um olhar de idealizações e apropriações, com características marcantes da Estética Romântica brasileira. Permitindo que o leitor se envolva e se misture com o discurso presente na toada em uma sensação de encantamento. As toadas aqui analisadas trazem reflexões no que diz respeito a uma indígena bela, com qualidades como lealdade, coragem e abnegação. Essa beleza é descrita sob parâmetros europeus, sendo que as indígenas são belas somente na medida em que podem assemelhar-se ao branco.

Podemos assim refletir que, o ato de ler as toadas, neste sentido, se expande e ganha uma dimensão complexa, visto que não se reduz a simples decodificação de signos escritos, mas se transforma numa experiência que vai além da leitura superficial, a saber: a leitura crítica.

Portanto, esperamos que este trabalho de alguma forma contribua para uma reflexão sobre as idealizações mais inflamadas da figura indígena no contexto literário parintinense e a necessidade de se trabalhar a literatura de origem popular, haja vista que são capazes de proporcionar uma serie de reflexões no que diz respeito aos indígenas, que consiste não somente conhecer uma parte de seus costumes, mas sim buscar compreender a complexidade de sua formação identitária enquanto povo, cultura e língua.

**Referências bibliográficas**

ALENCAR, José de. **Iracema.** lenda do Ceará 6ª Edição, São Paulo. Ática, 1976.

­­­­­­­­

\_\_\_\_\_\_\_­­­­­­\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **O guarani.** São Paulo. Ática, 1979.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 6. Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda., 2000.

FARIAS, Júlio Cesar. **De Parintins para o mundo ouvir**: Na cadência das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido- Rio de Janeiro: Litteris, 2005.

MAIA, Gleidys. **A Antitradição literária brasileira.** Manaus, AM. UEA Edições, 2013.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá- Imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus : Editora Valer, 2014.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Elementos da Pedagogia da Leitura**. 2ª. ed, São Paulo, Martins Fontes, 1988.

**Videografia**

BARBOSA, Ronaldo. Cunha a criatura de tupã. **Amor e Paixão.** Associação folclórica Boi-Bumbá Caprichoso. 2001.

PANTOJA, Geandro; HAIDOS, Demetrios. Rainha morena. **Mito, Cultura e Arte**. Associação folclórica Boi-Bumbá Garantido. 1999.

1. Trabalho apresentado no GT 14 (Comunicação, Cultura e Amazônia) do III Siscultura. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA-UFAM, email: marinho1adriano10@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Orientador do trabalho e Professor do programa-PPGSCA-UFAM, email: allan30@gmail.com

 [↑](#footnote-ref-3)